

MÁRIO DE ANDRADE E O PROJETO "PRONÚNCIAS REGIONAIS DO BRASIL"

Angela C. S. Rodrigues (*)

RESUMO

Como Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, de 1936 a 1938, e assessorado por Antenor Nascentes e Manuel Bandeira, Mário de Andrade desenvolveu um projeto de coleta de dados da língua oral com vistas à caracterização das diferentes pronúncias regionais brasileiras. Tal projeto, até então inédito no Brasil, evidencia, por um lado, o apreço de Mário de Andrade pela língua portuguesa viva falada no Brasil, e, por outro, sua consciência do problema da variação lingüística.

Unitermos: Português do Brasil; Sociolingüística; Variação lingüística; Fonética; Áreas dialetais no Brasil.

Introdução

Parte da documentação administrativa que restou daquilo que foi um dia a Discoteca Pública da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade de 1936 a 1938, encontra-se atualmente espalhada por diversas repartições públicas municipais. Segundo Paulo Duarte, essas repartições tiveram a sorte de possuir funcionários cuja "abnegada estupidez permitiu salvar uma pequena parte daquele outrora grande instituto paulista."(1)

Talvez se deva mesmo à dedicação ou perspicácia de algum pr-

* Profª Drª, de Língua Portuguesa, do Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

1 DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, EDART Livraria Editora, 1971. pp. 70-71.

dente funcionário da antiga Discoteca a existência de duas caixas-arquivo, hoje sob guarda do Centro Cultural São Paulo, com documentos identificados pelo rótulo *Sociedade de Etnografia e Folclore* do Departamento de Cultura idealizada por Mário de Andrade. Parte deles está guardada em envelopes ou pastas, precariamente distribuídos por assunto ou conteúdo, tais como "Projeto do regimento interno da Sociedade de Etnografia e Folclore", "Movimento da tesouraria", "Lista dos delegados correspondentes da sociedade, 1937", "Lista dos sócios fundadores", "Estatutos da Sociedade", publicados como separata da *Revista do Arquivo Municipal* do Departamento de Cultura em 1937; outros, simplesmente, foram agrupados segundo critérios estabelecidos pelo diligente funcionário.(2)

É o caso do material relativo às pesquisas sobre medicina popular, constituído pelas cartas e questionários enviados aos informantes, pelas respostas recebidas, já numeradas e classificadas, e também por uma relação dos questionários recusados. Trata-se do material que serviu para elaboração de um dos mapas que compõem os trabalhos de cartografia folclórica, enviados ao Congresso Internacional de Folclore reunido em Paris, em 1937.(3)

Desse conjunto de documentos, alguns atraíram particularmente nossa atenção. É o caso, por exemplo: 1) do projeto (manuscrito) de um dicionário nacional de termos técnicos de Etnografia e Folclore; 2) do "quadro geral dos fonemas reconhecidos como existentes na pronúncia carioca", sem indicação do autor; 3) do texto datilografado da 23ª aula do Curso de Etnografia (Cours d'Ethnologie pratique) regido durante um ano pela Professora Dina Lévi-Strauss que fora assistente no Musée de l'Homme, em Paris (4), cujo título é *Linguística*; 4) e, mais especificamente, de uma nota misturada com sugestões para futuras pesquisas coordenadas pela Sociedade, guardadas num envelope

2 Parte do material foi publicada em: *Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore*, no Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1936-1939. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1983. (Col. Folclore/Memória 2.) Duas partes compõem a publicação: 1- Introdução - "Mário de Andrade e o Folclore" (ensaio de Lélia Gontijo Soares); 2- Documentos - Arquivo etnográfico, Boletins da Sociedade de Etnografia e Folclore, Estatutos da Sociedade, Noticiário: Congresso Internacional de Folclore - a participação da Sociedade. Na Introdução, Lélia Gontijo Soares fala em: 1) 5 (cinco) mapas relativos a danças populares e suas variantes fonéticas: a congada, o caiapó, o cururu ou caruru, o samba ou batuque, o cateretê ou catira; 2) mapas relativos a proibições alimentares. O fato é que apenas 5 mapas foram apresentados no *Congresso de Língua Nacional Cantada* (v. nota 3) compondo o grupo de mapas alternativos: III, IV, V, VI, VII.

3 "Como vários dos mapas confeccionados versassem variações lingüísticas de nomes de danças populares, foram eles apresentados também ao Congresso da Língua Nacional Cantada". Trata-se do 2º Grupo de mapas, os de números III, IV, V, VI e VII, tipo chamado "alternativo" pela equipe de pesquisadores (*Anais*, 1938, pp. 169-178).

4 FROTA, Lélia Coelho. Mário de Andrade: uma vocação de escritor público. In: *Mário de Andrade: cartas de trabalho. Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945)*. Brasília SPHAN/Pró-Memória, 1981. pp. 21-37.

identificado como "pesquisas a fazer": "concomitantemente fazer uma pesquisa filológica a respeito da linguagem popular da região, de acordo com indicações anexas." Não há informações exatas a respeito da pesquisa específica a que se refere o autor da nota, muito menos sobre as "indicações anexas" por ele sugeridas.

A existência entre os documentos da Sociedade de Etnografia e Folclore de material relativo a problemas de Linguística em geral e aspectos do Português no Brasil não é ocasional ou fortuita, mas vem confirmar o contínuo interesse de Mário de Andrade, Chefe do Departamento de Cultura e responsável pela organização daquela sociedade, pela variedade brasileira da língua portuguesa. Tal interesse, já denunciado, em 1922, no "Prefácio Interessantíssimo" à sua coletânea de poemas *Paulicéia Desvairada*,⁽⁵⁾ evidencia-se, de maneira inequívoca, no decorrer dos anos de 1924 a 1929, quando organizou, metodicamente, farto material⁽⁶⁾ com vistas à elaboração da *Gramatiquinha* da fala brasileira.⁽⁷⁾

À testa do Departamento de Cultura, teve oportunidade de definir, com seus companheiros, uma verdadeira política cultural a nortear os trabalhos daquela instituição; a criação de uma Sociedade de Etnografia e Folclore se insere no quadro de suas realizações que objetivaram envolver todo o universo da produção cultural brasileira, e o estudo da língua portuguesa falada no Brasil ocupa lugar privilegiado nesse conjunto de preocupações.

Foi exatamente nessa época que Mário de Andrade juntou ao material destinado à organização da *Gramatiquinha* textos avulsos, entre os quais "cinco folhas datilografadas, grampeadas e intituladas *Inquérito Geral Etnográfico* – Formulário de pesquisas Folclóricas; quatro folhas soltas datilografadas e intituladas *Gramatiquinha* – Congresso da Língua Nacional Cantada; três folhas soltas, datilografadas e intituladas *Uma nova Instituição Científica* – a Fonética Experimental.⁽⁸⁾

Todo esse material confirma o interesse de Mário de Andrade pela fala viva, pela realização oral enquanto fonte de dados caracterizado-

5 "A língua brasileira é das mais ricas e sonoras! E possui o admirabilíssimo 'ão' // "Pronomes? Escrevo brasileiro. Se uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia". (ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. 4ª ed. São Paulo, Martins, 1974. pp. 22 e 28).

6 PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha. Texto e contexto*. FFLCH/USP, 1982. (Tese de Livre-Docência).

7 "Historicamente, pois, a gênese da *Gramatiquinha* remonta a 1922; sua idealização, em termos ainda imprecisos, ao período que vai de então a 1925, 1926, quando já se desenvolvia atividades de preparação pessoal, de coleta de dados e redação de textos; e sua concepção final, ao triênio de 1927-1929, quando foi trabalhada em moldes aproximadamente gramaticais". (PINTO, Edith Pimentel, *op. cit.*, p. 29).

8 *Idem, ib.*, p. 29.

res do português do Brasil. Não lhe interessa apenas a língua enquanto abstração, conjunto de formas ideais e sistemáticas sujeito à observação do lingüista teórico. Importa-lhe muito a língua enquanto atividade produtiva, fenômeno concreto efetivamente realizado por falantes membros e criadores de diferentes comunidades num dado espaço geográfico, num dado momento histórico. Interessa-lhe a diversidade das falas concretas. Em outras palavras, Mário de Andrade concentra sua atenção nos usuários e nos usos da língua, isto é, valoriza o emissor, o receptor e a variação lingüística.

Posteriormente, no início da década de quarenta, tais idéias são reiteradas nos trabalhos publicados em *O empalhador de passarinho*, mais especificamente em "A língua radiofônica", "A língua viva" e o "O baile dos pronomes". Confirma-se, então, seu empenho no estudo da modalidade oral do português do Brasil, documentado também em sua vastíssima correspondência: ele sabe que é na língua efetivamente utilizada por falantes brasileiros que se irão buscar os elementos identificadores de uma norma brasileira.

O "Arquivo da palavra" e o Projeto "Pronúncias regionais do Brasil"

Norteados por esse princípio, Mário de Andrade e seus companheiros definem os objetivos da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura. No tocante à língua, propunham-se organizar e manter um serviço de gravações de discos ou de registros sonoros, de que fazia parte o *Arquivo da palavra*, subdividido em dois ramos: o registro das vozes dos homens ilustres do Brasil e os registros destinados especificamente aos estudos de Fonética.

Parece que o plano inicial para gravação do testemunho de falantes cultos ou brasileiros ilustres era muito amplo, devendo abranger a gravação de vozes de, pelo menos, trinta e quatro pessoas; na realidade foram gravadas apenas as vozes de Rubens do Amaral, Camargo Guarnieri, Souza Lima, Dulcina de Moraes, Lasar Segall e José Alcântara Machado de Oliveira.(9)

9 As notícias sobre a gravação do testemunho de pessoas ilustres do Brasil foram obtidas em BARONCELLI, Nilcéia C. da Silva. *História da Discoteca Pública Nacional* (em vias de publicação) A pesquisadora do Centro Cultural São Paulo também informa que a documentação arquivada sugere que estava prevista a gravação de vozes de: Alcântara Machado e Paulo Prado, escritores; Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, poetas; Tarsila do Amaral e Cândido Portinari, pintores; Júlio de Mesquita Filho e Rubens do Amaral, jornalistas; João de Souza Lima e Antonieta Ridge, virtuosos; Camargo Guarnieri e João Gomes Júnior, compositores; Maria da Glória Capote Valente e Cândido de Arruda Botelho, cantores; Anhaia Mello e Jaime da Silva Telles, arquitetos; Vitor Brecheret e Lasar Segall, escultores; Henrique Bayma e Cirilo Jr., deputados estaduais; Tomás Lessa e Abraão Ribeiro, vereadores; Procópio Ferreira e Dulcina de Moraes, atores; Armando de Salles Oliveira e Fábio da Silva Prado, governador do Estado e prefeito da cidade; Oduvaldo Viana, teatrólogo; Almeida Júnior, educador; Dom Duarte Leopoldo e Silva e Frei Luís de Sant'Anna, sacerdotes ilustres; Valdemar Martins Ferreira, advogado; Dr. Ayres Netto, médico; Lúcio Martins Rodrigues, engenheiro e Reynaldo Porchat.

Entretanto são os registros destinados aos estudos de fonética que, de fato, confirmam a preocupação de Mário de Andrade pela caracterização da língua falada no Brasil. Assessorado por Antenor Nascentes e Manuel Bandeira, foi ele responsável pela organização de um material que deveria servir para estudo das pronúncias regionais do Brasil. Encontram-se nos *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada* informações preciosas a respeito desse projeto inédito no Brasil: a fixação em disco da pronúncia de dois informantes alfabetizados, um culto e um inculto, de cada uma das sete regiões ou zonas fonéticas em que se considerou dividido o Brasil, com vistas a um estudo comparativo exato das dicções dessas regiões.(10) Trata-se da série de discos AP 1 a 12 e AP 17-18 da Discoteca Pública Municipal do Departamento de Cultura, gravados em 78 rpm, abaixo relacionados.

Disco	No.	Informante	Parte(face)	Conteúdo
AP 9	80.455-1	nortista culto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 10	80.464-1	nortista inculto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 7	80.444 80.445	nordestino culto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 8	80.461-1	nordestino inculto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 1	80.456 (1) 80.457 (1)	baiano culto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 2	80.487 80.488	baiano inculto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM
AP 3	80.440 80.441	carioca culto	1ª 2ª	texto padrão PN e AM

10 Todas as informações sobre o projeto Mário de Andrade "Pronúncias regionais do Brasil" foram colhidas em *Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada* pp.179-186. Na notícia sobre o Congresso publicada em *D. Casmurro*, nº 15, ano I, 19 de agosto de 1937 (PINTO, Edith Pimentel, Apêndice, pp. 32-37), diz Mário de Andrade que a Discoteca Pública apresentou uma coleção de *dezesseis* discos da pronúncia culta e inculta das *oito* regiões fonéticas do Brasil (grifos nossos). No relatório publicado nos *Anais* há referências a sete discos que, aliás, correspondem ao material hoje arquivado no Centro Cultural São Paulo.

AP 4	80.442	carioca inculto	1ª	texto padrão
	80.443		2ª	PN e AM
AP 17	2-BYX 3521 (1)	paulista culto	A	texto padrão
	BYX 3522 (2)		B	PN e AM
AP 18	BYX 3563 (1)	paulista inculto	A	texto padrão
	BYX 3564 (2)		B	PN e AM
AP 5	80.450 (1)	mineiro culto	1ª	texto padrão
	80.451		2ª	PN e AM
AP 6	80.467-1	mineiro inculto	1ª	texto padrão
			2ª	PN e AM
AP 11	80.452-1	rio-grandense do sul culto	1ª	texto padrão
	80.453-1		2ª	PN e AM
AP 12	80.465-1	rio-grandense do sul inculto	1ª	texto padrão
	80.466-1		2ª	PN e AM

Desse conjunto de quatorze discos, apenas sete foram definitivamente prensados e trazem selos da Discoteca, com legenda informativa, e encontram-se na *Discoteca Oneyda Alvarenga* do Centro Cultural São Paulo. São eles: AP 1, AP 2, AP 3, AP 4, AP 5, AP 17, AP 18. Dos demais, apenas estão arquivadas as provas de AP 9 (1ª parte), AP 10 (2ª parte), AP 7, AP 8 (1ª parte), AP 6 (1ª parte), AP 11 e AP 12. As demais gravações extraviaram-se.

As gravações foram feitas pela RCA Victor Brasileira Inc. (AP 1-12) e pela Columbia Phonograph Co. Inc. (AP 17-18).⁽¹¹⁾

Manuel Bandeira, que, entre outras atribuições, recebeu a de relatar a pesquisa aos participantes do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, esclarece que os trabalhos de registro dessa série, com exceção dos discos que representam a pronúncia paulista, foram

11 Os números correspondentes a cada uma das faces dos discos foram prensados pelas respectivas gravadoras.

feitos no Rio de Janeiro. Presume-se, então, que a gravação do depoimento dos paulistas tenha sido feita em São Paulo mesmo, pois, naquela época, apenas São Paulo e Rio dispunham de estúdios de gravação. Aliás, esta foi uma das razões de ordem prática que impediram a realização das gravações na própria região de origem dos informantes. Outra razão seria a dificuldade de transporte do aparelho gravador da Discoteca para cada zona, o que demandaria recursos dispendiosos e um tempo enorme, de que não se dispunha na ocasião. " *Assim a dificuldade foi costeada com a escolha da capital do país, ponto de afluência de indivíduos de todos os Estados, para centro dos trabalhos, pois que lá seriam encontradas com relativa facilidade, pessoas recém-chegadas das várias zonas em questão* ".(12)

As diversas pronúncias regionais foram representadas pelos seguintes informantes:

"NORTISTA CULTO (Paraense): 45 anos. Formado em Direito. Deputado Federal. Natural de Belém. Pais e avós naturais de Belém. Só deixou o Pará em viagens de recreio (Rio, Europa) e para os trabalhos da Câmara Federal.

NORTISTA INCULTO (Paraense): 24 anos. Natural de Belém. Pais e avós do Pará, com exceção do avô materno, que era alemão.

NORDESTINO CULTO (Pernambucano): 29 anos. Pintor. Natural do Recife. Foi aluno de Arquitetura da Escola de Belas Artes, não tendo concluído o curso. Pais e avós do Recife. Tem vivido entre o Rio e o Recife, e nesta última cidade passou os últimos seis anos. Esteve em São Paulo a passeio.

NORDESTINO INCULTO (Pernambucano): 27 anos. Natural do Recife. Está no Rio há 2 anos. Músico dos Fuzileiros Navais. Pai, baiano. Mãe pernambucana. Avós, baianos.

BALANO CULTO: 30 anos. Natural de Santo Amaro (Bahia). Está no Rio há 4 anos. Jornalista. Pais e avós, baianos.

BALANO INCULTO: Nascido na Bahia (capital). Está há ano e meio no Rio. Pai e mãe naturais do Estado da Bahia. Avós italianos.

CARIOCA CULTO: 51 anos. Formado em Direito. Professor de português no Colégio Dom Pedro II. Pais, cariocas. Avós paternos naturais de Itaguaí. Avô materno, alemão. Avó materna, rio-grandense do sul. Só se ausentou do Rio para férias de recreio (toda a costa do Brasil, repúblicas sul-americanas, Estados Unidos, Europa, Palestina, Egito).

CARIOCA INCULTO: 50 anos. "Chauffer". Nunca saiu do Rio. Pai baiano. Mãe carioca. Avó materna, carioca.

PAULISTA CULTO: 34 anos. Natural de Campinas. Advogado. Pais, campineiros. Avós paternos, portugueses. Avós

12 *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Dep. de Cultura, 1938.

maternos, campineiros. Além das viagens ao Rio de Janeiro, interior de São Paulo e litoral, esteve a passeio em diversos países da Europa (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Suíça, etc.)

PAULISTA INCULTO: 46 anos. Natural de Santo Amaro (S. Paulo). Bedel da Faculdade de Direito. Pais e avós maternos, paulistas (Santo Amaro). Avós paternos, paulistas. Reside na Capital há vinte anos, tendo antes morado em Santo Amaro. Nunca se ausentou deste município.

MINEIRO CULTO: 46 anos. Formado em Direito. Deputado Federal. Natural de Barbacena onde sempre viveu, descontadas as ausências para os trabalhos da Câmara Federal e da Câmara Estadual. Esteve em São Paulo de passagem. Pais e avós de Barbacena.

MINEIRO INCULTO: 21 anos. Está há dois anos e meio no Rio. Músico dos Fuzileiros Navais. Natural de Ponte Nova. A mãe, italiana, veio para o Brasil com um ano. Pai, de Ponte Nova. Avós paternos, mineiros. Avós maternos, italianos.

RIO-GRANDENSE DO SUL CULTO: 37 anos. Natural da cidade do Rio Grande. Pai, italiano (Cremona). Mãe rio-grandense. Avós paternos e maternos, italianos. Está há dois anos no Rio. Esteve em São Paulo de passagem.

RIO-GRANDENSE DO SUL INCULTO: 21 anos. Natural de Pelotas. Está há 3 anos no Rio. Músico dos Fuzileiros Navais. Pais e avós do Rio Grande do Sul."

A lista dos informantes mostra que o Brasil foi dividido em sete zonas fonéticas: Norte (representada por falantes paraenses), Nordeste (representada por pernambucanos), Bahia, Distrito Federal (Rio de Janeiro), São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A primeira tarefa dos indivíduos escolhidos consistiu na leitura de um texto elaborado por Manuel Bandeira. Por isso, foi descartada a participação do informante analfabeto, pois

"o analfabeto precisaria decorar o texto-padrão, e fatalmente lhe daria por isso uma timbração e um ritmo artificiais, como o fazem todos os indivíduos incultos com os textos decorados. Além disso, sendo o texto-padrão de difícil memorização por se compor de frases soltas, sem seguimento lógico o caso complicaria ainda mais".(13)

A segunda tarefa consistiu na recitação do Padre Nosso e da Ave Maria. Os pesquisadores demonstraram-se conscientes que fatores situacionais poderiam, eventualmente, influir na dicção dos falantes, tais como: o ambiente do estúdio de gravação, o uso de microfone e a

13 *Idem*, p. 181.

própria forma escrita, entendida como possível elemento condicionador de determinadas realizações fonéticas. Por isso acharam conveniente "*registrar algo que permitisse uma dicção espontânea que todos soubessem de cor. Na falta de outro texto de domínio geral, recorreu-se a textos religiosos, recaindo a escolha sobre o Padre-Nosso e a Ave-Maria*".(14)

Mário de Andrade, ao passar para Manuel Bandeira a incumbência de elaborar o texto padrão, enfatizou a idéia de que ele deveria "ser bem simples, bem popular e durar de dois a cinco minutos".(15) Poderia ser composto de frases soltas.

O filólogo Antenor Nascentes, autoridade em fonética no seu tempo, professor catedrático de Português do Colégio Pedro II forneceu "*uma lista dos fonemas cuja pronúncia lhe parecia mais relevante apurar. São eles:*

- (a) vogais protônicas;
- (b) hiatos;
- (c) l velar;
- (d) r consoante surda;
- (e) r final;
- (f) s consoante surda;
- (g) s consoante sonora;
- (h) s final;
- (i) z final;
- (j) lh;
- (k) nh;
- (l) grupos consonantais".(16)

Além desses fonemas, Manuel Bandeira achou conveniente observar a realização de outros mais, a partir, não só das sugestões do Prof. Souza da Silveira e de Mário de Andrade, mas também de sua própria experiência. São eles:

"lia em família; ei em inteiro, manteiga, beijú, teimou; o tônico em Antônio, homem; nio em Antônio; x em próximo; uma; ruim; luas; j em juiz, jejum; por preposição; não átono em Não sei não; mais; qu em questão; oi em oito; oitocentos e oitenta; o numeral 2; ou em afrouxe; e em feche; éi em assembleia; muito; eis em amáveis e admiráveis; a craseado; Virgem Maria; ô em garoa; dio em rádio; a e e na primeira pessoa do plural do pretérito do indicativo dos verbos da 1ª e 2ª conju-

14 Idem, p. 182.

15 Idem, p. 182.

16 Idem, p. 182.

gação (falamos, tivemos); ai em caixas; ou em lavouras; ai em Jaime; influência da vogal tônica sobre a protônica (esqueceu, esqueci), etc".(17)

Com base nessas sugestões, foi organizado o texto-padrão adiante transcrito. Os parênteses contêm as letras correspondentes aos fonemas sugeridos por Antenor Nascentes. Para não sobrecarregar de interrupções o texto não foram assinalados todos os casos em que aparecem aqueles fonemas, nem aqueles outros que Manuel Bandeira achou conveniente observar.

Uma nota da Discoteca esclarece que "o texto foi escrito em ortografia vulgar. Procurou-se com isso evitar que a ortografia fonética, com seus acentos e simplificação de certos grupos consonânticos, viesse a influenciar na pronúncia de alguns fonemas".(18)

Texto-padrão:

"Ceará (b), capital (a,c) Fortaleza (a,d). Rio (b) Grande do Norte, capital Natal.

Elle esqueceu (f) que a luz (i) dos planetas é imóvel.

Que família!

Tráz-ante-hontem adquiri (b) um bilhete (j) de loteria inteiro. Perdi.

O advogado (b) da companhia (k) já deu o parecer (a).

Quem foi que disse que eu era de Pernambuco? Eu não sou pernambucano não!

O juiz (i) teimou.

Vespera de Santo Antonio tomei (s) o bonde de Barcas (d) próximo do Quartel (c) General. Ao subir no estribo (f), esbarrei (a,g) numa mulher (j) vesga (g).

No alto (c) daquele morro tem um pau d'arco pequeninho. (a)

Acompanhe (k) sempre o menino: o príncipe é ruim.

O livro em que vem apontados por sua ordem os dias dos mezes com os nomes dos santos, as luas, os feriados (b), os jejuns, se chama folhinha (a, j).

Por quanto o senhor vende o tordilho?

Quem desdenha (g) quer comprar (e).

O que elle contou? Não sei não.

A pesca (f) é uma indústria das mais rendosas.

Nesta questão estou de corpo (d) e alma (c) com o meu compadre (a).

Tio Pio viu que a agua do rio subiu (vários casos de b) muito.

O excellente animal nasceu a 8 de março de 1882.

Não afrouxe: feche a assembléa.

A porteira (a,d) apodreceu (a) muito.

Enquanto (a) se mantiver o ensino (a) empregado (a), o collegio (a)

17 Idem, p. 184.

18 Idem, p. 183.

formará homens amáveis e às vezes admiráveis (l).

Virgem Maria que garoa!

Nós já fallamos no radio. Tivemos exito absoluto.(l)

O camondongo (a) se escondeu (f).

Esqueci-me (a) de tapar (a) as 14 caixas de paina.

Ludgero (l) começou uma lavoura de feijão.

Jayme gosta de manteiga, ameixa, beijú e tapioca (b).

Eu me escondi no primeiro andar (a).

Não continue".(19)

O significado do projeto

O título da comunicação, apresentada por Manuel Bandeira, *Pronúncias regionais do Brasil*, é bastante sugestivo, pois esclarece, com precisão, a perspectiva adotada por Mário de Andrade e seus assessores diante do problema da variação lingüística: no imenso território brasileiro falam-se diferentes variedades de português, cujos traços característicos imediatamente observáveis são de natureza fonética; cumpre ao estudioso a descrição desses traços identificadores de cada uma dessas variedades diatópicas. Trata-se, portanto, de uma nítida opção pelo enfoque dialetológico, que põe em relevo a língua falada em detrimento da língua escrita literária, e que vê no português do Brasil uma língua matizada em variedades espaciais ou geográficas, isto é, variedades lingüísticas associadas a um lugar ou região particular, num determinado momento histórico. A diversidade de pronúncias seria índice indiscutível dessa realidade lingüística multifacetada.

Nesse sentido, o projeto se insere numa tradição de estudos dialetológicos inaugurada por Amadeu Amaral, com seu trabalho *O dialeto caipira* (divulgado em 1916 e publicado em livro em 1920), de que também fazem parte os estudos de Antenor Nascentes sobre a fala carioca e o projeto de Cândido Jucá Filho: este pretendia "*levantar por correspondência, tal como Paiva Boleo, em Portugal, no mesmo decênio, dados de léxico, de fonética e gramática, a fim de dar corpo à grande ambição da época: uma gramática e um dicionário brasileiro da língua portuguesa*".(20) É evidente que as pretensões de Mário de Andrade não se limitavam ao levantamento de dados de uma determinada região dialetal; estava certo de que o estudo comparativo da língua oral de todas as regiões do Brasil poderia, com maior segurança, levar à caracterização da pronúncia brasileira, enquanto uma das marcas identificadoras da língua portuguesa falada no Brasil.

Trata-se, todavia, de uma postura diversa daquela que assumira nos anos em que se envolveu no projeto de elaboração da *Gramatiquinha*

19 Idem, pp. 183-184.

20 PINTO, Edith Pimentel (sel. e apres.) *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos. 2 — 1920/1945 — Fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro; São Paulo, Livros Técnicos e Científicos/EDUSP, 1981. p.XIX.

(1927-1929), " *como parte de um projeto mais amplo, de redescoberta e definição do Brasil, o qual seria, não uma consolidação completa e rígida dos traços peculiares à norma brasileira, mas um discurso engajado, de implicações lingüísticas e estéticas*".(21) Agora, menos comprometido com ideais nacionalistas, mais voltado para a fala em detrimento das cogitações lingüísticas gerais, abstratas, mais consciente das diferentes normas brasileiras e amparado por metodologia de pesquisa fonética que se afirmava na década de 30, no Brasil, não titubeou ao sugerir um estudo metódico das diferentes pronúncias brasileiras.

Para isso, utilizou técnicas de coleta do material falado também inovadoras, já que pela primeira vez no Brasil se faziam gravações em discos de amostras da língua oral. De fato, tal procedimento vinha sanar alguma deficiência metodológica das pesquisas até então desenvolvidas no Brasil, que se baseavam, ora em observações impressionistas do próprio pesquisador, no caso de Antenor Nascentes(22), ora nas de observadores imparciais, pacientes e metódicos, que se dedicassem a recolher elementos " *em suas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente*" (grifo do autor), no caso de Amadeu Amaral.(23) As realizações fonéticas assim observadas eram fixadas graficamente, com utilização das letras convencionais do alfabeto, procedimento até então corrente em trabalhos de fonética no Brasil.

Assim, em 1937, Mário de Andrade pôde dispor do aparato técnico que Antenor Nascentes, em 1930, lamenta não possuir quando desenvolveu pesquisas com vistas à fixação de uma pronúncia-padrão para o ensino das escolas primárias, profissionais e normais do Rio de Janeiro.(24)

Com vistas a um estudo comparativo das dicções das diversas zonas fonéticas, Mário de Andrade optou por outra estratégia, também inédita no Brasil: a definição de um número restrito de informantes, selecionados segundo critérios definidos *a priori*. Por isso, foram escolhidos dois falantes de cada região, a respeito dos quais são dadas informações objetivas quanto a local de nascimento (naturalidade), faixa

21 Idem. *A gramatiquinha...* *op. cit.*, p. 39

22 " *Que requisitos deve preencher quem se proponha a estudar uma variedade? Em nossa opinião, deve ser ou uma pessoa inteiramente alheia à variedade que vai ser estudada, ou uma pessoa inteiramente alheia às demais variedades do subdialecto. Filho de pais cariocas, nascido e criado no Distrito Federal, de onde nunca nos retiramos por prazo excedente a um mês, achamo-nos por consequente na segunda hipótese e nos cremos representantes da fala genuinamente carioca.*" (NASCENTES, Antenor. *O dialeto carioca em 1922*, p. 21)

23 AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo, HUCITEC/Secretaria de Cultura e Tecnologia. 1976. p. 43.

24 PINTO, Edlith Pimentel. *O Português...* *op. cit.* p. XXX

etária, grau de escolaridade (apenas dos falantes cultos), profissão, naturalidade dos pais e avós, e possíveis afastamentos temporários de sua região de origem. Todos os informantes, com exceção dos paulistas, residiam, no momento da pesquisa, no Rio de Janeiro.

Na definição de critérios de escolha dos informantes ressalta sua preocupação com os aspectos sociolinguísticos, ao considerar as características do falante e da situação em que se realiza a atividade verbal. Mostra-se consciente de que dados de situação podem provocar variação de comportamento verbal ou de registro, devida à maior ou menor tensão na comunicação. Por isso, não deixa de fazer referência a fatores que poderiam perturbar a leitura; buscou neutralizar-lhes o efeito, propondo que os informantes "recitassem" textos religiosos, que todos soubessem de cor e que se repetisse cada frase para "*confirmação e maior naturalidade de leitura na repetição*".(25)

Tais preocupações não aparecem nas pesquisas dialetológicas até então desenvolvidas no Brasil. Antenor Nascentes, em *O linguajar carioca em 1922*, muitas vezes se refere à existência de duas classes de falantes, uma culta e outra inculta;(26) Cândido Jucá Filho, na tese que desenvolveu no Congresso das Academias de Letras e Sociedade de Cultura Literária, em 1936, observa que "*os foneticistas geralmente reconhecem quatro tipos de pronúncia: familiar rápida, familiar lenta, cuidada e solene*".(27) Entretanto, ambos não mostram maiores preocupações por esclarecer tais idéias. Ao contrário, Mário de Andrade considerou relevantes os aspectos socioculturais para a escolha de seus informantes, pois fica evidente que ele percebeu ser um possível aspecto questionável na sua pesquisa o fato de não ter gravado a fala dos indivíduos em suas regiões de origem. Visando minimizar o efeito desse fator, buscou pessoas recém-chegadas ao Rio de Janeiro, procedentes das várias zonas em questão; partiu do pressuposto de que ainda não havia ocorrido lapso de tempo suficiente para a perda de hábitos articulatorios antigos e posterior aquisição de novos (cf. informante nordestino inculto, rio-grandense-do-sul culto, rio-grandense-do-sul inculto, baiano culto, baiano inculto, mineiro inculto). Tais fatos confirmam o interesse de Mário de Andrade pelo estudo das relações língua-sociedade, língua-indivíduo, campo atual da Sociolinguística e

25 *Anais.. op. cit.*, p. 184.

26 "*No estudo dialetológico que traçarmos teremos em vista fazer da língua do povo uma fixação que de futuro seja aproveitável. Pouco nos interessa a língua das classes cultas, primeiro porque é correcta, segundo porque lhe falta a naturalidade, a espontaneidade da língua popular. Iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser das moléstias. Não os apadrinharemos embora reconheçamos que, por maior que seja a campanha contra o analfabetismo, muitos deles hão de implantar-se na linguagem culta futura, como nos ensina a história do filologia*". (NASCENTES, Antenor. *op. cit.*, p. 16).

27 PINTO, Edith Pimentel. *op. cit.* p. XXXI.

da Psicolingüística, bem como sua preocupação por conferir às suas observações um caráter eminentemente científico, nos moldes da época.

Enquanto tentativa de apresentar material suficiente para a composição de um quadro geral da pronúncia brasileira, sem preocupação por cotejá-la com a de Portugal, a iniciativa do Departamento de Cultura não deixa de ser renovadora. Ao mesmo tempo, é um trabalho perfeitamente inserido no seu momento, por algumas razões fundamentais.

Primeiramente, na década de 30, os estudos fonéticos constituem a grande preocupação dos estudiosos da língua portuguesa no Brasil, quase sempre interessados em fixar uma pronúncia padrão com fins pedagógicos.(28) Evidentemente, tal preocupação imediatista não transpõe a empresa de Mário de Andrade, sempre interessado pelos aspectos da fala brasileira, como atestam os documentos relativos à Fonética e Prosódia, separados para uma possível elaboração da *Gramatiquinha*, e anexados justamente na década de 30. Ao mesmo tempo, preocupa-se em "*levantar os traços típicos de outros dialetos sociais*", ao organizar um *Questionário Língua*, cuja aplicação explicita:

"As observações e pesquisas sobre a língua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre pessoas das classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que timbram em falar certo. Ou melhor: tem maior importância em verificar e apontar as regras e casos em que mesmo estas pessoas "culteranistas", por desatenção momentânea pecam contra o português de Portugal ou das gramáticas. 5-F".(29)

Em segundo lugar, o estudo sobre as pronúncias do Brasil contém a sugestão de Mário de Andrade para uma possível demarcação das áreas dialetais no Brasil a partir de dados do presente. Ainda que a metodologia de pesquisa adotada por ele denuncie preocupação por conferir ao seu trabalho um cunho científico, revelado, com maior clareza, em suas pesquisas de folclore, (30) no plano dos estudos dialetológicos não deixa de ser uma contribuição de cunho apriorístico, como foi toda a década de 30.(31)

28 Idem, *ib.* pp. XXVII-XXXII.

29 Idem. *A Gramatiquinha... op. cit.*, p. 111.

30 Cf. em *Anais* a comunicação "Mapas folclóricos das variações lingüísticas, sob a responsabilidade da Sociedade de Etnografia e Folclore, Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura", pp. 171-178.

31 PINTO, Edith Pimentel. *O Português... op. cit.*, p. XXI

Assessorado por Antenor Nascentes, era de se esperar que Mário de Andrade levasse em conta a sua proposta de divisão do Brasil em zonas dialetais. Em 1922, consciente dos poucos dados que dispõe, o estudioso do dialeto carioca acha possível reconhecer uma grande divisão do Brasil em regiões norte e sul: norte até a Bahia e sul daí para baixo; propõe ainda uma provável subdivisão em quatro subdialetos: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Bahia), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e Zona da Mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão até a Bahia) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).(32)

Em 1933, em *O Idioma Nacional*, v.IV, ele apresenta um mapa dialetológico do Brasil em que a grande região norte, sugerida em 1922, aparece subdividida em: norte (Amazonas e Pará) e nordeste, coincidindo com o litoral dos estados nordestinos do Maranhão até o sul da Bahia, donde a existência de cinco zonas dialetais no Brasil: norte, nordeste, fluminense, sul e sertão.

A proposta de Mário de Andrade não coincide com a de Antenor Nascentes, pois sugere a existência de sete diferentes falares, correspondentes a sete zonas fonéticas caracterizadas por pronúncias típicas: nortista, nordestino, baiano, carioca, paulista, mineiro e rio-grandense-do-sul. E ele não nos dá qualquer informação a respeito dos critérios adotados para tal divisão, em que, evidentemente, é dado relevo especial às zonas correspondentes a São Paulo e Rio Grande do Sul e nenhuma referência se faz à zona rotulada de sertão por Antenor Nascentes.

Não seria difícil relacionar essas zonas com as que o "turista aprendiz" Mário de Andrade de fato pôde conhecer, com segurança, em suas viagens pelo Brasil. Se elas constituíam experiência fundamental para sua "*verificação da inteligência nacional*",(33) por que não o teriam sido para a verificação *in loco* das diferentes pronúncias do Português do Brasil? Aliás, estaria ele usando o mesmo argumento invocado por Antenor Nascentes que, ao sugerir, em 1953, a existência de seus subfalares no Brasil: o amazônico, o nordestino (sub falares do norte), o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista, esclarece que naquele

32 NASCENTES, Antenor. *op. cit.*, pp. 20-21.

33 "Essa "descoberta do Brasil", de que são marcos as suas *viagens etnográficas* de 1927, 1928 e 1929, precedidas pelas de 1919 e 1924 a Minas Gerais, constituem experiência básica para a sua reavaliação da inteligência nacional. Conhecedor seguro das manifestações musicais populares regionais mais importantes do país, Mário também acompanhava atentamente as representações da cultura material procedentes de diversos contextos sociais brasileiros, de economia pré-industrial" (FROTA, Lélia Coelho. Mário de Andrade: uma vocação de escritor público. In: *Mário de Andrade: cartas de trabalho*. Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Brasília, SPHAN/Pró-Memória, 1981, pp.21-37).

momento ele já teria realizado seu desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Chuf, o que lhe dava condições para propor uma nova divisão, talvez mais próxima da verdade.(34)

Pergunta-se, então, se Mário de Andrade teria, nos dados fixados em disco, material suficiente "*para um estudo comparativo exato (grifo nosso) das dicções das diversas regiões*" do Brasil, que viessem comprovar a validade da sua proposta de divisão do Brasil em sete zonas fonéticas.

É evidente que ele se fundamenta numa premissa básica para os dialetólogos: a variável ou as variáveis sob análise são especificadas previamente, localizadas geograficamente e não existe qualquer dúvida quanto à sua existência no espaço considerado. Além disso, pressupõe-se que o grupo a que pertence o informante seja razoavelmente homogêneo (no caso da pesquisa em pauta, os grupos culto e inculto) e que a escolha desses informantes *típicos* (grifo nosso) é, como de fato foi, ditada em parte pela conveniência, em parte pelos hábitos de trabalho, em parte pela sua vontade de fazer gravações.(35) Explica-se, dessa maneira, o número restrito de informantes já que, em princípio, são eles considerados legítimos representantes da fala de sua região.

Pode-se questionar, entretanto, o grau de representatividade de alguns informantes ideais, ou típicos, escolhidos pelos pesquisadores, quer por pertencerem a grupos etários diferentes, quer pelo fato deles já se encontrarem afastados há algum tempo de suas regiões de origem. Referimo-nos especificamente aos falantes incultos carioca e sul-riograndense de 21 anos de idade, residentes há mais de dois anos e meio no Rio de Janeiro. Teriam eles conservado os mesmos hábitos fonéticos de infância adquiridos em suas regiões de origem? Seriam eles tão representativos quanto os outros informantes incultos de diversa faixa etária, como é o caso do carioca e do paulista com, respectivamente, 50 e 46 anos de idade, que nunca se afastaram da terra natal? Pensamos que a heterogeneidade do restrito grupo de informantes fatalmente comprometeria os dados obtidos, que, por isso, não viriam contribuir para um estudo comparativo exato das dicções regionais do Brasil.

Questiona-se também o número de informantes: um único falante de cada faixa sócio-econômica seria insuficiente para proporcionar a quantidade de dados necessários para a caracterização da variedade de fala da região, principalmente quando se leva em conta o fato de que não seriam, efetivamente, dados da língua falada enquanto realização verbal concreta, no seio de uma comunidade lingüística. Trata-se, na realidade, de um tipo de língua oral de "segunda mão", observável na leitura do escrito, aquela que o falante elabora a partir do escrito e

34 NASCENTES, Antenor, *op. cit.*, p. 24

35 LABOV, William. Estágios na aquisição do Inglês Standard. In: Fonseca, M. Stella e Neves, Moema F. (orgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 51.

aprendida na escola, e, por isso, totalmente diferente daquela que lhe pertence pela aprendizagem na comunidade. A escola lhe proporciona um modelo de realização oral até certo ponto artificial, que não coincide com aquela aprendida espontaneamente pelo exercício da elaboração constante de atos de fala.

As características intrínsecas do texto elaborado por Manuel Bandeira muito contribuíram para o artificialismo das realizações fonéticas observadas nas gravações: trata-se de uma série de frases soltas, autônomas quanto ao seu conteúdo, descontextualizadas e artificialmente construídas com vistas a proporcionar ao informante oportunidade de realização de diferentes fonemas, escolhidos, em princípio, por se realizarem de maneira diversa, no Brasil. Evidentemente, os pesquisadores partem do pressuposto de que o falante adquire, em suas regiões de origem, um determinado feixe de hábitos articulatorios, que individualizam sua fala, em contraste com a de outras zonas dialetais, e que se manterão inalterados no decorrer de sua vida. Para eles, esses hábitos articulatorios podem ser perfeitamente verificados única e exclusivamente na leitura de frases rigidamente organizadas de acordo com as regras prescritivas convencionalizadas para a escrita, como se não houvesse diferenças de grau de formalismo entre o estilo informal ou casual da fala cotidiana e o formal da escrita, claramente evidenciado pelo texto em questão, donde as diferenças de elocução.

Não queremos com isso dizer que a leitura não possa ser uma das possíveis estratégias utilizadas para o estudo de variáveis fonológicas. É o que nos mostra Labov nos seus estudos sobre a estratificação do Inglês em Nova York, quando observa que: 1) as cinco variáveis fonológicas por ele escolhidas alternavam-se de maneira regular em função do estilo e do contexto; 2) o maior problema para o pesquisador é controlar os diversos contextos e definir os estilos de discurso que aparecem em cada um deles.⁽³⁶⁾ A leitura é um dos contextos (contexto C) por ele sugeridos.

Nas suas considerações sobre os diferentes estilos contextuais, Labov refere-se à situação de entrevista (contexto B) e à leitura (contexto C), enquanto duas etapas de coleta de dados em suas pesquisas em Nova York. Diz ele que decorrida uma parte significativa da entrevista, o informante era convidado a ler dois textos-padrão: um concentrava em parágrafos sucessivos as variáveis fonológicas, outro apresentava pares mínimos das variantes justapostos. Os entrevistadores sugeriram que os textos, redigidos em estilo coloquial, fossem lidos com relativa rapidez, visando à obtenção de um fluxo de fala o mais regular e contínuo possível. Isto reduziria ao mínimo as diferenças de realização, comparadas as ocorrências dos dois contextos. Labov também levou em conta o conteúdo dos textos, que versavam sobre dois temas

36 Idem. *Sociolinguistique*. Tradult par Alain Kihm. Les Editions de Minuit, 1976 pp. 138 e seqs.

com que os informantes facilmente se identificaram: a revolta tradicional do adolescente contra as pressões do mundo dos adultos e sua exasperação diante dos caprichos e incoerências das garotas com quem safam.(37)

Confirma-se, assim, a validade do uso da leitura enquanto estratégia para o estudo de variáveis fonológicas. De novo se evidencia a intuição do pesquisador Mário de Andrade que, ao empreender a coleta de dados para a caracterização das pronúncias brasileiras, se sentiu seguro para utilizar uma técnica até então desconhecida no Brasil e cuja validade os estudos sociolinguísticos posteriores vieram confirmar. A possível deficiência de seu empreendimento está, sobretudo, no fato de ter considerado a leitura como estratégia única e suficiente para a caracterização de variantes fonéticas, sem qualquer apelo ao contexto enquanto fator de variação linguística. E Mário de Andrade tinha consciência disso, como posteriormente veio a confirmar em seus escritos de *O empalhador de passarinho*.

Além disso, embora as frases escolhidas contivessem os fonemas cuja realização Mário de Andrade pretendia verificar, a própria estrutura do texto enquanto somatória de frases autônomas, cujo conteúdo fragmentado não se relacionava diretamente às experiências de cada informante, não constituiu fator favorável à obtenção de um fluxo o mais regular e contínuo possível, como sugere Labov.

Por isso tudo, o artificialismo das realizações fonéticas observadas, comprometeria, com certeza, os resultados da pesquisa sobre pronúncias brasileiras e que acabou ficando comprometida irremediavelmente pelas deficiências técnicas de gravação.

Apesar dos reparos que, necessariamente, devem ser feitos ao trabalho de Mário de Andrade e assessores sobre as diferentes "*dicções das diversas regiões*", é inegável o caráter pioneiro de sua pesquisa, já que pela primeira vez se registrou material sonoro com vistas à caracterização do português falado no Brasil.

Recebido em 8/8/89

ABSTRACT

Mario de Andrade did a development of aspects related to gathering facts about "Brazilian" sound language system to make the difference among Brazilian areas pronunciation from 1936 to 1938. This work, inedited in Brazil, shows, on one side Mario de Andrade's regard for sound language and, on other side, the problem of linguistic variation.

Key-words: *Brazilian Portuguese; Sociolinguistic — Linguística Variatino; Phonetic; Dialectics areas of Brazil.*

37 Idem, *ib.* pp. 140-143.